

## O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA EM CONTEXTOS DIVERSIFICADOS

<sup>1</sup>*Adriana Helena Gonçalves da Silva, <sup>1</sup>Francisca Gláucia Ramos, <sup>1</sup>Maria José Alacrino, <sup>2</sup>Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Angélica Gomes Maia, Orientadora*

<sup>1</sup>Graduandas do Curso de Pedagogia – FEA/UNIVAP – pedama2007@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade do Vale do Paraíba/FEA – Rua Tertuliano Delphim Jr., 181. Jd Aquarius - mamaia@univap.br

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo descrever e analisar o ensino e a aprendizagem da lectoescrita na fase inicial da Alfabetização e na educação de jovens e adultos, considerando como foco do processo o sujeito aprendiz, com seus conhecimentos prévios e a interrelação mediada por ele e o professor na aquisição da linguagem oral e escrita. Foram observados os processos cognitivos, emocionais e sociais, percebendo cada um como único, procurando compreender habilidades e capacidades pertinentes ao processo da aquisição da leitura e escrita. Fundamentou-se na análise de vários teóricos como Henry Wallon, Magda Soares, Emília Ferreiro, Paulo Freire e outros, que possibilitaram a prática permear os valores da linguagem à história de cada um e do respeito ao outro no seu processo de alfabetização e letramento.

**Palavras-chave:** Educação. Psicogênese. Escrita. Metodologia. Alfabetização.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas (Educação)

### Introdução

Todas as expectativas inerentes ao crescimento, amadurecimento, provenientes das relações, seja num ambiente familiar, escolar ou social, cria um universo de ambiguidade e relatividade concernente à educação e ao ato de educar.

Sendo assim, o homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. O equacionamento que Piaget dá a essa questão passa por dois momentos: o primeiro, definir de forma mais precisa o que se deve entender por “ser social”; o segundo, verificar como os fatores sociais comparecem para explicar o desenvolvimento intelectual (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1922, p.11).

Construiu-se o embasamento, para a realização desta pesquisa, a partir dos pressupostos teóricos de Wallon, Vygotsky, Soares, Ferreiro e Teberosky, dentre outros autores.

Esse trabalho vai permear as questões relativas ao processo de educação das crianças, jovens e adultos, e a importância do outro nesse espaço enquanto formador desse indivíduo. Os estudos mostram claramente as possibilidades geradoras de novos conceitos e abordagens para formalizar o conhecimento. O educador é aquele que transmite a cultura, os saberes, incentiva o

aprendizado e atua de forma direta na vivência de seus alunos, enquanto discentes.

Sem dúvida, para que as pessoas se desenvolvam e constituam uma comunidade de aprendizagem, é preciso formar vínculos pessoais que possam sustentar esse processo e o elo entre todos, compartilhando o próprio aprendizado, desenvolvendo dessa forma, a criatividade e a capacidade de pensar criticamente.

### Metodologia

O procedimento metodológico utilizado neste trabalho foi o de entender que cada um tem seu tempo e é capaz de refletir diante dos problemas e desafios.

Sendo assim, buscou-se entender as novas concepções educacionais, conciliando a teoria com a prática, que tem como meta priorizar a educação, que é direito de todos.

Para este estudo, optou-se por trabalhar com a realidade dos alunos em sala de aula, o dia a dia da efetiva prática educacional. Elaborou-se o procedimento de pesquisa por meio das atividades propostas, como ditado, sondagem e entrevistas para verificação da escrita que são inseridos na alfabetização e letramento de todo indivíduo, quer sejam jovens, adultos ou crianças. Foi possível entender as questões teóricas e ressignificar a prática, aprimorando a construção de referenciais

positivos para melhor formação desses alunos enquanto cidadãos.

A investigação parte do pressuposto que há diversas formas de educar (por meio da internet, TV, amigos), buscando conceber esse aprendizado junto ao outro, seja em meio a família ou na escola, colocando em evidência todos os aspectos envolvidos nesse processo: cognitivos, emocionais e sociais, dando destaque à escola e à família, que desempenham um papel de maior importância desse valor.

Desse modo, há mediação entre a construção do conhecimento e a interação, que se faz por meio do sujeito e pelas relações estabelecidas com os outros sujeitos inseridos no processo do “conhecer”.

Esta pesquisa foi uma análise feita das atividades realizadas nas séries iniciais de uma escola pública estadual e em salas de EJA (Educação de Jovens e Adultos), de uma escola integrada à Univap (Universidade do Vale do Paraíba), na cidade de São José dos Campos, cuja comunidade escolar é bem diversificada, atendendo alunos de baixa renda e de classe média.

O trabalho foi desenvolvido por meio de atividades específicas, como entrevistas, sondagem individual, a realização da escrita e da cópia, como se dá o conhecimento do alfabeto e a diferença entre a escrita e outras formas gráficas e convenções da escrita. Observou-se como a aprendizagem da língua materna se efetiva de forma diversificada nos diversos contextos.

## Resultados

Os processos de construção e transformação dos indivíduos ao longo do tempo estabelecem relação com o conhecimento de forma epistemológica e social. A aprendizagem tem sido objeto de estudo para conceber novas teorias, metodologias, fornecendo assim uma reflexão do papel de cada um, seja educador, aluno, pais, abrangendo dessa forma a intervenção do outro nesse papel formador.

Sendo assim, o aluno vai se construindo como sujeito através da sua relação com a cultura, e tal relação se faz por meio do outro. (LIMA; GONÇALVES, 2006, p.69)

Portanto, o conhecimento não é, na visão de Vygotsky (1998), simplesmente o resultado de ações do sujeito sobre a realidade. Ele resulta da mediação feita por outros sujeitos mediadores, o “outro social”, que podem se apresentar por meio de objetos, pela organização do ambiente, ou do mundo social no qual o indivíduo está inserido.

Há um sujeito que deve aprender e, na aprendizagem, constituir-se como sujeito. É

essencial que a educação como um todo, se perceba nesse contexto: o ser humano se constitui na pluralidade de suas subjetividades e as instâncias objetivas e subjetivas devem estar inerentes aos processos de comunicação quando se pretende transmitir e construir conhecimento.

Partimos da observação diária das atividades em sala de aula, envolvendo escrita e leitura, entendendo a importância dos outros indivíduos (professor, pais, pares etc.) nesse processo de aquisição da linguagem e seu aprendizado.

O critério de verificação foi observar a aquisição desse conhecimento fazendo um paralelo com o aprendizado e o processo emocional envolvido.

Algumas dificuldades de aprendizagem são provenientes de deficiências cognitivas ou físicas, porém percebe-se que muitas destas se relacionam com os problemas familiares e sociais, e em alguns casos, no despreparo do profissional da educação e da própria instituição escolar.

Ficou claro que cada indivíduo tem seu tempo e, envolvido nesse processo, sua história e sua individualidade. Sendo assim, a compreensão das atividades que foram desenvolvidas por meio da sondagem individual, da cópia, do ditado, e da assimilação dessa escrita, se relacionam com a própria vida, no âmbito biopsicossocial.

Cada fase tem um desafio evidente nesse aprendizado. Como resolver essas questões para que, de fato, o indivíduo tenha autonomia na aquisição do saber?

Em um quadro geral de análise, tanto a criança como o jovem e o adulto trazem para a sala de aula os aspectos individuais e emocionais, que interferem na assimilação do aprendizado

Compreender o processo de evolução dos sujeitos rumo a esse domínio desse desenvolvimento não é uma tarefa fácil nem para os alunos nem para os educadores. É um empreendimento que requer muito mais que invocar o espontaneísmo e a curiosidade do sujeito, muito mais que buscar as influências do meio ou os modelos sociais. Isto requer, acima de tudo, o conhecimento desse sujeito, suas formas de compreender e lidar com o objeto, sua caminhada em busca de apropriar-se dele, tomá-lo para si e fazer o mesmo percurso epistemológico que faz na elaboração dos outros conhecimentos, mas nesse empreendimento com muito mais envolvimento, porque é à base de todas as outras construções do edifício teórico. (MOURA, 1999, p.114).

Constatamos, assim, que cada um tem um ritmo e uma maneira diferente de se apropriar do conhecimento, dentro de um processo de autonomia, em relação à aquisição da língua materna.

## Discussão

Pensando a escola como espaço para a construção de identidade e para o desenvolvimento de projetos de vida, entender, conhecer, respeitar, e (sócio)interagir - nessa ordem - é o caminho lógico para se conceber cidadãos críticos e atuantes.

Considerando a construção do saber como meta à cidadania e às interações entre a comunidade escolar e a comunidade social, o trabalho voltado à alfabetização e ao letramento pode se completar.

Em relação ao conceito de língua e de como aprendê-la, os PCNs (1997, p. 21) apontam que:

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só com palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Construir conhecimentos não é fruto de uma pedagogia, mas sim de uma atividade própria da espécie humana. A pedagogia é, antes, uma reflexão de como proceder mediante as características peculiares do ser humano, ao desenvolver-se para atingir determinadas metas.

São muitos os questionamentos que surgem, no contexto escolar, em relação ao desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem proficiente, para a consecução de objetivos, de fato, significativos.

Sendo assim, a escola deve construir espaços para que sejam possíveis reflexões críticas em relação ao cotidiano discente, à sua cultura, e isso implica que a educação não deve estar separada da vida - e nem que seja preparação para ela; deve, sim, configurar-se como a própria vida em si. Assim, toda a análise de uma problemática na aprendizagem deve investigar a forma como aquele se desenvolve seu processo de aprender, na relação com o objeto e com o seu semelhante.

Nos processos de aprendizagem, a constituição do ser é totalmente abarcada, toda sua história de vida está implicada na ação e reação diante de cada estímulo, na organização de cada dado. Aprende-se a aprender em relações com o mundo. Não é possível isolar um ato meramente cognitivo, uma vez que as estruturas são globais. Dessa forma, desenvolver um processo de construção de conhecimento implica a organização global do ser, com suas histórias vividas, que marcaram e significaram sua forma de desempenho.

Sendo assim, pode-se entender a aprendizagem como um processo de recriação do conhecimento, e que há processos de

aprendizagem do sujeito que não dependem de processos metodológicos. O método - enquanto ação específica do meio - pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém, não pode criar aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito. Em termos práticos, isso significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito, o seu conhecimento prévio, construído no segmento social em que se encontra inserido.

Dessa forma, a escola precisa ter como objetivo a continuidade do processo dessa aprendizagem, agora de forma sistematizada, considerando os diversos fatores que influenciam o desempenho do aluno, e não somente se ater tão-somente a resultados obtidos por meio de avaliações, bimestralmente propostas ao corpo discente. Deve, sim, considerar a interação aluno/professor, aluno/meio, bem como as suas constantes transformações.

A educação escolar proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que norteia o ensino brasileiro, redefine o papel da escola e do professor e indica uma educação voltada à cidadania.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 21):

Convém lembrar que necessário é o aprendizado formal dentro do contexto dessa sociedade letrada, mas se educar não significa nos instruir, passar conteúdos existentes no currículo escolar, dotar o aluno de conceitos e teorias, desenvolver o intelecto, a escola deverá propiciar uma educação de qualidade que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos.

Ao analisarmos os alunos, verificamos a importância dos educadores, no sentido de estarem atentos às demandas e às necessidades desses educandos.

A escola deve proporcionar e possibilitar oportunidades a seu corpo discente e deve ter como objetivo propor e desenvolver projetos voltados a mudanças significativas no cotidiano desses alunos, a fim de construir conhecimentos que partam da realidade desses sujeitos; e, também, demonstrar interesse por eles como cidadãos, e não somente como objetos de aprendizagem.

Segundo Pierre Bourdieu, "não há democracia efetiva sem o verdadeiro poder crítico". (Nova Escola, Pensadores, p.122)

## Conclusão

O novo conceito de família, as novas concepções do ser no que tange tanto à criança quanto ao adulto no que concerne ao processo de

ensino/aprendizagem, ainda caminha muito lentamente paralelo ao avanço tecnológico. O Estado, sua organização, a família e a sociedade buscam entender todo esse processo e, de fato, é vital um cidadão educado, crítico e consciente de seus direitos e deveres, para contribuir na formação de uma nação na sua plenitude democrática.

O cenário do desenvolvimento social brasileiro ainda requer medidas que se façam eficientes em todas as áreas, seja saúde, lazer ou educação. Hoje, a tábua de salvação para o país tem um único nome: educação.

Muitas teorias, metodologias e falas se misturam à prática pedagógica, prática essa que tem sido muito observada, estudada e pouco compreendida.

Pensar e repensar novas posturas profissionais, sociais e familiares exige uma conscientização junto à ação. Impor, assim, uma educação para a cidadania, independente das falas, quer sejam elas referentes aos professores, pais, escola ou Estado.

No entanto, sozinho, o professor não pode se responsabilizar nem pelo presente e tão pouco pelo futuro da nação.

O importante, evidentemente, é a autonomia no ato de educar, quer sejam crianças, jovens ou adultos, considerando as diferenças, o tempo de cada um, concebendo, dessa forma, o conhecimento.

Sendo assim, é necessário o comprometimento de todas as pessoas envolvidas nesse processo, seja a família, o profissional da educação, e todo o sistema que converte educação num ato de cidadania, para oportunizar o saber e a apropriação do mesmo.

E nessa relação de ser, busca-se a relação consigo mesmo e com o outro, uma relação com o tempo presente e o tempo futuro, e com o tempo da história de cada um.

## Referências

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

- LIMA R.C.P.; GONÇALVES M.F.C. (orgs.). **Sujeito, escola, representações**. Florianópolis: Insular, 2006.

- MOURA, T.M.M. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de Jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**. Maceió: EDUFAL, 1999.

- Revista Nova Escola – **Grandes Pensadores**. Edição especial, Julho 2008.

- TAILLE, Y., OLIVEIRA, M.K., DANTAS, H., **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

- VYGOTSKY, L.S., **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.